CONTRACULTURA, ECOLOGISMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO BAIRRO VIOLEIRA EM VIÇOSA-MG[1]

Josarlete Magalhães Soares [2]

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2019v26n39p69

Resumo

Este trabalho apresenta certos aspectos da ocupação socioterritorial do bairro Violeira, no município de Viçosa – MG, como expressão do movimento contracultural e do ecologismo no Brasil. A partir de pesquisa bibliográfica e entrevistas, procuramos descortinar valores e práticas que fundamentam a ação de indivíduos e grupos no processo de produção de seus espaços de vida. Outras possibilidades de interação com o ambiente natural e social têm sido abertas por esses movimentos, que buscam construir relações sociais mais igualitárias e ambientalmente responsáveis.

Palavras-chave: Contracultura. Ecologismo. Produção do espaço. Viçosa – MG.

1. Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa "Contraculturas espaciais no município de Viçosa - MG: evolução histórica e manifestações na contemporaneidade", iniciada em agosto de 2019. Tal pesquisa vem sendo desenvolvida com o apoio do CNPq, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Viçosa – PIBIC/UFV. Agradecemos à bolsista Luiza Silva Seghetto pelas transcrições das entrevistas que subsidiaram a elaboração deste trabalho.

2. Arquiteta e urbanista pela UFV, doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV. Contato: josarlete.soares@gmail.com.

COUNTERCULTURE, ECOLOGISM AND SPACE PRODUCTION IN THE VIOLEIRA NEIGHBORHOOD IN VIÇOSA, MINAS GERAIS, BRAZIL

Abstract

This paper presents some aspects of the socio-territorial occupation of Violeira neighborhood, in Viçosa, Minas Gerais, Brazil, as expression of the countercultural movement and ecologism. From bibliographic research and interviews, we presented values and practices that underlie the action of individuals and groups in the process of producing their living spaces. Other possibilities for interaction with the natural and social environment have been opened up by these movements, which seek to build more egalitarian and environmentally responsible social relationships.

Keywords: Counterculture. Ecologism. Space production. Viçosa (Minas Gerais, Brazil).

CONTRACULTURA, ECOLOGISMO Y PRODUCCIÓN DEL ESPACIO EN EL BARRIO VIOLEIRA EN VIÇOSA, MINAS GERAIS, BRASIL

Resumen

Este trabajo presenta ciertos aspectos de la ocupación socio-territorial del barrio de Violeira, en el municipio de Viçosa, Minas Gerais, Brasil, como expresión del movimiento contracultural y el ecologismo. A partir de investigaciones bibliográficas y entrevistas, buscamos revelar valores y prácticas que subyacen a la acción de individuos y grupos en el proceso de producción de sus espacios de vida. Estos movimientos han abierto otras posibilidades de interacción con el entorno natural y social, buscando construir relaciones sociales más igualitarias y ambientalmente responsables.

Palabras-claves: Contracultura. Ecologismo. Producción del espacio. Viçosa (Minas Gerais, Brasil).

Introdução

Nosso mundo contemporâneo tem sido marcado por uma crise social e ambiental crônica. O modelo de produção e consumo, hoje hegemônico, ameaça as formas de vida no planeta mediante uma exploração sem precedentes dos recursos naturais. As desigualdades sociais e a concentração de riquezas crescem na grande maioria dos países. No caso brasileiro, 1% da parcela mais rica da população detém cerca de 55% da renda nacional (DESIGUALDADES..., 2017). Nossas cidades, espaço de vida da grande maioria da população na atualidade, refletem profundamente tal crise. Segregação, exclusão social e territorial, injustiça ambiental são características da urbanização brasileira. Boa parte da população urbana encontra-se exposta a riscos: assentamentos sem infraestrutura adequada, áreas sujeitas a alagamentos e deslizamentos, poluição dos recursos hídricos, poluição do ar, desmatamento, impermeabilização do solo, congestionamentos, déficit habitacional, violência. Esse é um quadro que Ermínia Maricato (2001, p. 15) sintetizou como a "tragédia urbana brasileira".

Para Ferreira e Ferrara (2015), a crise urbana aglutina a crise social e a crise ambiental. Ao longo de várias décadas, nosso modelo de crescimento econômico tem privilegiado a concentração de renda e soluções urbanas individuais, reproduzindo a desigualdade e o acesso desigual

Cadernos de Arquitetura e Urbanismo v.26, n.39, 2º sem. 2019

também aos recursos ambientais como água, saneamento e solo seguro. Grande parte dos problemas ambientais que enfrentamos na atualidade são, inclusive, resultado direto de nosso processo de urbanização. Como causa central da problemática socioambiental urbana, tais autores apontam certos elementos estruturais do sistema econômico, sobretudo a lógica da mercadoria que orienta a produção da cidade:

> O comando da urbanização é repassado sem parcimônia aos *players* do mercado imobiliário e seus patrocinadores (...), de tal forma que as cidades não são mais planejadas em função da busca de qualidade urbana para todos, mas tão somente em consonância com o potencial de lucratividade de cada projeto (FERREIRA e FERRARA, 2015, p. 22).

De fato, são muitos os estudiosos que reconhecem na expansão do modo de produção capitalista e de seus valores as causas para a crise socioambiental contemporânea (FERREIRA, 2017; HARVEY, 2005; MÉSZÁROS, 2011; SILVA, 2013, dentre outros). A modernidade capitalista tem se caracterizado como um projeto totalitarista e altamente depredador, marcado pela supremacia do valor de troca e da propriedade privada, pela exploração dos seres humanos e dos bens naturais, pela alienação generalizada e a tendência à homogeneização.

Diante de tantos aspectos negativos, as críticas a esse sistema vêm se avolumando ao longo dos séculos, mani-

festando-se de formas diversas na atualidade. Uma dessas manifestações é o movimento ecologista, que reconhece a necessidade de se modificar o comportamento econômico destrutivo, tanto ambiental como socialmente. Os padrões de produção e consumo sob o capitalismo têm impacto direto sobre a crise ambiental, o que sugere a urgência em revermos nosso estilo de vida. A noção de sustentabilidade, hoje assentada na associação entre desenvolvimento social e preservação ambiental, aponta a necessidade de se construir uma nova civilização fundamentada no respeito ao ser humano e à natureza, o que requer mudanças culturais e de comportamento (SACHS, 1993).

Embora a necessidade de mudança seja reconhecida – inclusive nas diversas conferências internacionais promovidas pela Organização das Nações Unidas – os tipos e graus de radicalidade dessas mudanças são alvo de interpretações e interesses divergentes entre países e organizações da sociedade civil. Nesse imbróglio, pouco se avança nas ações efetivamente práticas, com resultados visíveis na melhora do quadro de degradação socio - ambiental que vivenciamos. No entanto, se por um lado não temos presenciado nenhuma ação ampla e efetiva por parte dos governos no sentido de uma possível alteração no paradigma de produção e consumo, sujeitos e grupos têm se movimentado de forma autônoma em direção a outras possibilidades de ser e estar no mun-

do. O objetivo deste artigo é apresentar uma das formas pelas quais essas possibilidades outras têm sido abertas pela contracultura e pelo ecologismo no município de Viçosa, no interior de Minas Gerais, descortinando valores e práticas que têm fundamentado na ação dos indivíduos partícipes de tais movimentos no processo de produção de seus espaços de vida. Para tanto, procedemos a uma revisão bibliográfica sobre o tema contracultura e sobre a produção do espaço nos limites do perímetro urbano da cidade de Viçosa. Também foram realizadas entrevistas com moradores residentes no bairro Violeira, onde pudemos identificar um processo singular de interação com o território e de estabelecimento de relações comunitárias.

Contracultura e ecologismo

Segundo Pereira (1988), o conceito de contracultura possui dois significados. O primeiro refere-se à movimentação política, social e cultural das décadas de 1960-1970. O segundo, mais geral e abstrato, refere-se a

> um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica [...] que de certa maneira "rompe com as regras do jogo" em termos do modo de se fazer oposição a uma determinada situação [...]. Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações,

> e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social (PEREIRA, 1988, p. 20-22).

É possível identificar manifestações contraculturais em diversos lugares e momentos da história, nas várias esferas da vida cotidiana. Posicionando-se de maneira contrária à cultura dominante, o movimento contracultural questiona a acumulação de riquezas, o consumismo, a contaminação por meio de agrotóxicos. Questiona o paradigma do bem-estar material como objetivo máximo do ser humano, mesmo que degradando a natureza. Investigando o modo como a contracultura materializa-se no espaço, Luis Fernando de Matheus e Silva (2013, p. 50) nos apresenta o termo "contraculturas espaciais", definindo-o como

> expressões pontuais de valores, princípios e práticas distintos daqueles que costumam guiar a produção capitalista do espaço. Materializadas como "pontos heterotópicos" de resistência, as contraculturas espaciais são lugares distintos, mas contraditoriamente integrados aos seus arredores e que funcionam como espécies de laboratórios onde se abre a possibilidade de testar, na esfera do cotidiano, formas alternativas de viver e de se fazer as coisas.

O termo heterotopia diz respeito, conforme Lefebvre (2004), ao lugar outro, ou outro lugar que se organiza e se estabelece de maneira diferente, ainda que em interação com a isotopia que a circunda. Para Hetherington (1997 *apud* HARVEY, 2006, p. 241), o conceito de heterotopia

refere-se a espaços de ordenação fluida: "A heterotopia organiza uma parcela do mundo social de uma maneira distinta do ambiente que a circunda. Essa ordenação fluida marca esses espaços como Outro e lhes permite ser considerados um exemplo de maneiras alternativas de fazer as coisas". As contraculturas espaciais podem ser caracterizadas, assim, como micro experimentos de produção socioespacial, em geral de caráter comunitarista, que se materializam como tentativas de subversão à ordem dominante. São o *lócus* de experimentação e desenvolvimento de técnicas, práticas e solidariedades distintas daquelas que conformam a lógica homogeneizante, individualista e alienante do sistema capitalista. Em suas manifestações, o nível do privado e a esfera do cotidiano ganham primazia.

Ainda segundo Silva (2013), a disseminação dessas experiências coincide com períodos recessivos e/ou depressivos, com mudanças na estrutura de poder e na dinâmica da acumulação. O autor identifica três momentos importantes de disseminação de tais experiências. O primeiro deles ocorreu no século XIX, na Europa, de forma concomitante ao desenvolvimento do chamado "socialismo utópico". Naquele momento, a industrialização e o capitalismo consolidavam-se no continente europeu, em detrimento de uma grande massa de trabalhadores assalariados em sofríveis condições de vida de um lado e camponeses empobrecidos e sem terra, de outro. Correntes teóricas

distintas podem ser identificadas nessa fase, envolvendo uma diversidade de temas: crítica ao industrialismo e ao capitalismo; críticas ao Estado, à educação tradicional e à família; pacifismo, coletivismo e comunitarismo; volta à natureza; amor livre; pleno desenvolvimento humano. Foram experiências de estranhamento à modernidade, idealizadas na Europa – onde os problemas enfrentados levaram ao surgimento de tal ideário –, mas materializadas longe do continente europeu. Tais experimentos, financiados pelas classes burguesas (o que poderia levar à deturpação de seus propósitos originais) e executados por indivíduos provenientes das classes médias urbanas (sem experiência no trabalho agrícola), tiveram curta duração nos diversos locais onde ocorreram.

O segundo momento de efervescência das contraculturas espaciais ocorreu durante as décadas de 1960-1970, fortemente influenciado pelo aumento da percepção sobre a seriedade dos problemas ambientais ocasionados pelo desenvolvimento técnico-científico moderno. Tais movimentos constituíram-se como alternativas de expressão e contestação, diferentes dos partidos políticos e dos movimentos sociais tradicionais. Tinham como estratégia a fundação de comunidades integradas à natureza e que permitissem experiências de vida não alienadas. Buscavam formas de viver – espaciais, inclusive – diferentes daquelas fundamentadas no lucro, no consumismo, no individualismo e na competição. Às críticas ao Estado

Cadernos de Arquitetura e Urbanismo v.26, n.39, 2º sem. 2019

e à educação formal, somava-se a crença no pacifismo, a busca pela espiritualidade, a organização autogestionada e coletiva do espaço e dos meios de produção, e o estabelecimento de uma agricultura destinada a suprir as necessidades de cada comunidade. Nesse momento foram acrescentadas e/ou acentuadas a crítica ao cientificismo e a busca por uma relação social com a natureza diferente daquela fundamentada no princípio da dominação, tornado hegemônico na modernidade. A origem do movimento ecologista relaciona-se a esse contexto. Conforme veremos adiante, o chamado "novo ecologismo" está fundamentado na crítica da sociedade tecnológico-industrial, cerceadora das liberdades individuais, homogeneizadora das culturas e, sobretudo, destruidora da natureza. Esses jovens "radicais", no entanto, não tinham muito conhecimento sobre como viver em comunidades e pautaram suas ações pelo experimentalismo e improvisação. Desse modo, embora algumas experiências tenham chegado aos nossos dias, a maioria delas não sobreviveu a alguns poucos anos.

O terceiro momento identificado por Silva (2013) trata-se da fase contemporânea, a partir de meados da década de 1990, sendo continuidade do movimento dos anos 1960-1970. O movimento contracultural vem ganhando força em meio à expansão capitalista neoliberal, caracterizada pelas privatizações e mercantilização ampliada, pela desregulamentação e especulação financeira. So-

ma-se a isso o processo de devastação ambiental sem precedentes dos últimos 50 anos, levando à agudização das contradições e dos conflitos socioambientais. Além disso, o crescimento populacional intenso das cidades nas últimas décadas, fundamentado em processos excludentes e predatórios, coloca o modelo de urbanização atual como um dos principais motivos, senão o principal, da crise ecológica mundial. Como resultado de tal contexto, a ecologia está mais presente agora que em outros momentos.

Segundo Lago e Pádua (1984), o termo ecologia foi cunhado pelo biólogo alemão Ernest Haeckel, em 1886, para definir uma nova disciplina científica, ligada à biologia, que trata das relações entre as espécies animais e o seu ambiente orgânico e inorgânico. No entanto, ao longo do tempo essa ciência ganhou contornos multidisciplinares, impactando não apenas o próprio campo científico, como também a cultura humana, as discussões políticas e o comportamento de vários grupos sociais. Tais autores identificam pelo menos quatro grandes áreas de desenvolvimento do chamado "pensamento ecológico". A primeira delas é a Ecologia Natural, que estuda os sistemas naturais e a dinâmica da natureza, mantendo a filiação original ao campo da biologia. A segunda é denominada Ecologia Social (ou Ecologia Política), que se debruça sobre o estudo da relação entre os homens e o meio ambiente, em especial a ação humana e suas consequências sobre

o ambiente natural. Tanto a Ecologia Natural quanto a Ecologia Política conservam um caráter mais teórico-científico, as outras duas vertentes do pensamento ecológico, o Conservacionismo e o Ecologismo, se voltam para objetivos mais práticos de atuação social. O Conservacionismo surge justamente a partir da percepção da destrutividade ambiental das ações humanas. Ele engloba, assim, o conjunto de ideias e estratégias de ação em favor da conservação da natureza e da preservação dos recursos naturais, conformando hoje o amplo movimento em defesa do ambiente natural. Por último, temos o Ecologismo, "que vem se constituindo como um projeto político de transformação social, calcado em princípios ecológicos e no ideal de uma sociedade não opressiva e comunitária" (LAGO; PÁDUA, 1984, p. 15).

Para esses autores, o ideário contracultural foi de fundamental importância para a formação do pensamento ecológico. Defendendo a possibilidade de uma vida alternativa à sociedade industrial tecnocrática e objetivando um melhor relacionamento com a natureza e entre os seres humanos, o Ecologismo possui uma filiação clara ao movimento de contracultura:

> O Ecologismo nasce da percepção de que a atual crise ecológica não se deve a 'defeitos' setoriais e ocasionais do sistema dominante, mas é consequência direta de um modelo de civilização insuportável do ponto de vista ecológico. Dessa forma, o Ecologismo coloca que

> apenas uma mudança global nas estruturas econômicas, sociais e culturais pode encaminhar uma solução para a atual crise ambiental. Mais ainda, o Ecologismo se desloca também da perspectiva conservacionista ao colocar como objetivo não apenas a resolução da crise ambiental, como também a da própria crise social. Em outras palavras, ele considera o modelo dominante não apenas ecologicamente insustentável como também socialmente injusto. A política ecologista, portanto, não se preocupa apenas em garantir a sobrevivência da espécie humana, mas sim em garantir essa sobrevivência pela construção de formas sociais e culturais que permitam a existência de uma sociedade não-opressiva, igualitária, fraterna e libertária (LAGO; PÁDUA, 1984, p. 36-37).

Carranza (2012) e Carvalho (2002) identificam como "sujeitos ecológicos" a variedade de atores envolvidos direta ou indiretamente com as questões ambientais, tais como educadores, ativistas e demais "simpatizantes", na medida em que suas ações são conduzidas dentro da perspectiva ecologista, tendo em comum o "*ethos* contracultural". Na atualidade, a atuação desses sujeitos ecológicos tem apresentado um caráter pluralista e divergente, com uma riqueza de variações e situações. Como resultado de uma crise de confiança na capacidade dos governos e dos cientistas em prevenir e resolver problemas ambientais graves, as pessoas, de forma individual e coletiva, têm buscado respostas concretas nos modelos estabelecidos de relações sociais e conflitos socioambientais deles resultantes. Buscando soluções concretas para a existên-

cia material, os sujeitos ecológicos têm desnaturalizado ações banalizadas como a alimentação ou a produção de resíduos e procurado possibilidades distintas de satisfazê-las, de maneira menos predatória tanto em relação ao ambiente natural quanto em relação ao trabalho humano.

Também na produção de seus espaços de vida, tais sujeitos vêm buscando alternativas, tanto na produção de suas moradias, como na produção de suas comunidades. Segundo Harvey (2006), ao produzirmos coletivamente o lugar onde habitamos, produzimos coletivamente a nós mesmos. Projetos referentes àquilo que desejamos para nossas cidades são consequentemente projetos relativos a possibilidades de relacionamentos humanos. Nesse sentido, o autor indica, referenciando-se em Lefebvre, que o processo de produção do espaço é um mecanismo poderoso de exploração de estratégias alternativas e emancipatórias. Nas páginas seguintes apresentamos uma dessas estratégias, elaboradas a partir do movimento contracultural e do ecologismo, que tem buscado modificar e construir espaços sociais distintos da cultura hegemônica no município de Viçosa – MG. Desde a criação da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e com suas sucessivas expansões ao longo dos anos, o município e a cidade de Viçosa apresentam-se como locais de intenso trânsito de pessoas e ideias. Embora a cultura hegemônica do capital ali se faça presente com toda a sua força de modelagem do pensamento único, esse trânsito de

ideias permite, mesmo que de forma marginal, a confluência de uma diversidade de formas de pensar e agir sobre o mundo. É justamente dentro dessa diversidade que as manifestações contraculturais e ecologistas encontram lugar para florescer.

O processo de ocupação sócio territorial da comunidade rural da Violeira a partir dos anos de 1980

Morar na Violeira não é só morar na Violeira, é uma proposta de transformação da sociedade, que vai muito para além do que morar simplesmente (Moradora, 60 anos).

Nas imediações do centro urbano de Viçosa (Fig. 1), distante aproximadamente seis quilômetros do centro da cidade, uma comunidade rural, hoje em parte urbana, destaca-se pelas diversas atividades que abriga em seu território e também pela confluência de um número considerável de moradores vinculados direta ou indiretamente à Universidade Federal de Viçosa e engajados numa proposta alternativa de vivência articulada entre suas moradias, o ambiente natural e sua comunidade. Trata-se da comunidade rural da Violeira, que desde o ano 2000, com a aprovação do Plano Diretor do município de Viçosa, tem parte de seu território denominado bairro Violeira, incluído, assim, no perímetro urbano.

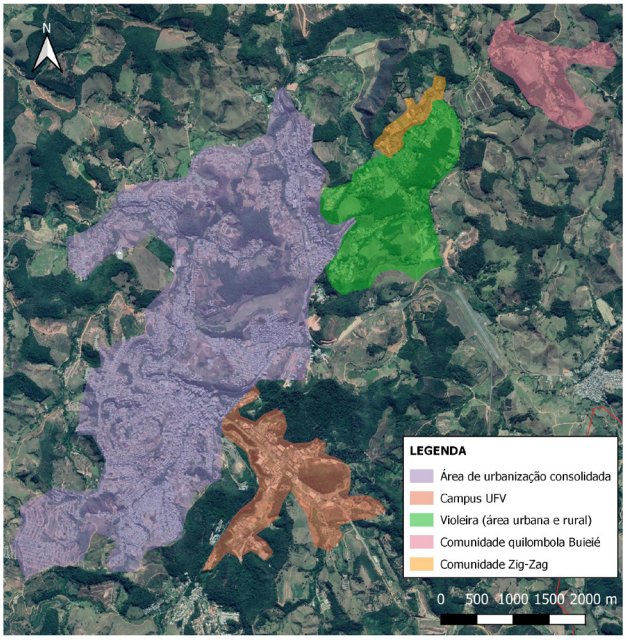

Figura 1 | Área urbana do município de Viçosa, Violeira e algumas comunidades do entorno (delimitações aproximadas)
Fonte: Elaborada pela autora (Imagem base: GOOGLEMAPS, 2020)

Conforme identificado por Jesus (2007) e Pinto (2008), até os anos de 1980, a Violeira era habitada predominantemente por agricultores, que tinham como principal fonte de renda o plantio de milho, feijão, a coleta de lenha para a venda e para consumo, o cultivo de hortaliças e frutas para a venda na feira livre da cidade e o trabalho assalariado ou em parceria com os fazendeiros do local. A partir desse momento, lentamente a localidade passou a receber como moradores professores e estudantes vinculados à Universidade Federal de Viçosa. Inicialmente, esses novos moradores alugavam as casas desocupadas e, com o tempo, tanto os moradores mais antigos passaram a construir casas para aluguel como parte desses migrantes adquiriram terras na localidade, estabelecendo moradias próprias.

Tal processo e seus desdobramentos vinculam-se diretamente ao movimento contracultural no município a partir da década de 1970. Esse movimento tem como um de seus marcos a fundação do Grupo Alfa de Estudos de Ecologia, no ano de 1975 (RAMOS; SILVEIRA, 2016). Surgido no interior do movimento estudantil da UFV, a partir das discussões e da mobilização de estudantes de graduação, o Grupo Alfa realizou, em seus primeiros anos de atuação, uma série de ações de enfrentamento ao desmatamento e à degradação ambiental no *campus*. Com o tempo, passou a discutir com certa intensidade a necessidade de se construir um novo modo de vida fundamen-

tado na cooperação e na vida em comunidade. Ao final da década foi iniciado o que viria a ser, nos anos de 1980, o Restaurante e Cooperativa Alfa [3] e a Comunidade Alfa da Violeira. Segundo relatos colhidos em entrevistas com integrantes e contemporâneos das iniciativas do Grupo Alfa, a Comunidade Alfa reunia cerca de 13 estudantes que, com dinheiro próprio – economizando mesada, vendendo artesanato em feiras, etc. –, adquiriram um pedaço de terra na então comunidade rural da Violeira, nas imediações do perímetro urbano. Inicialmente acampados e depois abrigados em uma casa emprestada por um antigo morador da localidade, esses estudantes construíram, em mutirões (Fig. 2), um alojamento e, a partir de então, iniciaram uma produção agrícola direcionada tanto ao Restaurante e Cooperativa Alfa como ao comércio local.

3. O Restaurante Alfa de alimentação vegetariana iniciou suas atividades em 1978. Ao longo de seus vinte anos de existência, promoveu almoços e lanchões culturais, tonando-se espaço de encontro de diversos integrantes e simpatizantes do movimento estudantil e do ecologismo no município de Viçosa.

Figura 2 | Mutirão realizado durante a greve estudantil de 1980, quando foram construídos cerca de 30.000 tijolos utilizados na construção da sede da Comunidade Alfa da Violeira
Fonte: RAMOS; SILVEIRA, 2016, p. 46

Como iniciativa eminentemente contracultural, as atividades do Grupo Alfa e a própria criação da Comunidade vinculam-se ao movimento da agricultura alternativa no Brasil. Esse movimento colocou-se, ainda nos anos de 1970, mas, principalmente, a partir da década de 1980, como contrário aos preceitos difundidos pela Revolução

Verde [4] , discutindo a problemática socioambiental vinculada ao processo de "modernização da agricultura" e lançando as bases do que hoje conhecemos como Agroecologia [5] . É no cerne dessa Universidade, historicamente vinculada ao meio rural e difusora da modernização agrícola e da Revolução Verde, que o movimento estudantil passou a discutir a importância da agricultura alternativa e a necessidade de aproximação com os agricultores familiares e camponeses de sua própria região. Conforme Ramos e Silveira (2016, p. 47):

> Através de pesquisas com interesse e financiamento privado, inclusive transnacional, em diversas áreas do conhecimento, em detrimento da pesquisa a serviço do desenvolvimento nacional, regional e comunitário, a UFV muitas vezes acaba por contribuir com o au-

4. O termo "Revolução Verde" refere-se a um amplo programa de inovações tecnológicas na agricultura, que inclui a utilização intensiva de sementes geneticamente modificadas, fertilizantes químicos, defensivos, rações, técnicas de manejo e irrigação e também a mecanização de diversas fases do cultivo, cujo objetivo era promover o aumento da produtividade. Esse programa foi desenvolvido nos Estados Unidos e na Europa do pós-guerra, tendo se difundido por diversos países "em desenvolvimento" na segunda metade do século XX. Valendo-se fortemente da pesquisa científica e da produção em larga escala, a Revolução Verde correspondeu, em grande medida, à apropriação pela indústria do processo de produção agrícola (ver GOODMAN; SORJ; WILKINSON, 1990).

5. Segundo Petersen (2012), a Agroecologia assume na atualidade três acepções: 1) é uma teoria crítica que questiona radicalmente a agricultura industrial, fornecendo bases conceituais e metodológicas para o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis; 2) é uma prática social e de manejo agrícola adotada explícita ou implicitamente em coerência com a teoria agroecológica; 3) é um movimento social que mobiliza e articula atores envolvidos prática e teoricamente com o desenvolvimento da agricultura sustentável e com a defesa da justiça social, da saúde ambiental, da soberania e segurança alimentar, da economia solidária e ecológica, da equidade entre gêneros e de relações mais equilibradas entre o meio rural e as cidades.

mento do lucro das grandes empresas, a concentração de renda e a desigualdade social, além de reproduzir a cultura da competição, que concebe o outro como uma ameaça e não como possibilidade, ao invés de cumprir sua função social. Essas questões eram discutidas e estudadas pelos estudantes da época, que se organizavam e mobilizavam para combater as tentativas de privatização da Universidade Pública e suas pesquisas.

Em 1987, como resultado de uma parceria entre lideranças sindicais, agricultores familiares e profissionais das ciências agrárias egressos da UFV e partícipes do movimento estudantil e contracultural, o núcleo da Comunidade Alfa da Violeira foi transformado numa organização não governamental, o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA - ZM). Desde sua fundação, o CTA-ZM tem como premissa o trabalho em parceria com as associações de agricultores e a compreensão de que a agricultura alternativa, hoje agroecologia, é construída não apenas a partir do conhecimento acadêmico, mas em interação com o conhecimento popular e a sabedoria dos povos tradicionais e camponeses. Ao longo de seus 33 anos de existência, inúmeros foram os projetos desenvolvidos, estreitando sua articulação junto à agricultura familiar e agroecológica na região da Zona da Mata mineira e envolvendo também escolas rurais, comunidades tradicionais, assentados, grupos de mulheres. Desse modo, a instalação da Comunidade Alfa e, depois, a fundação do CTA-ZM atraiu, em certa medida, novos moradores para a Violeira, tanto estudantes quanto, depois, profissio -

nais formados e professores universitários, muitos deles tendo relações diretas ou indiretas com a instituição CTA-ZM. Favorecido pela proximidade com a cidade de Viçosa (Fig. 1) e, consequentemente, com a UFV – vínculo de trabalho e/ou estudo de muitos desses novos moradores –, esse processo convergiu para a Violeira um número expressivo de sujeitos ecológicos animados pela possibilidade de uma vida em maior interação com o ambiente natural – possibilitada pelo meio rural – e com sua própria comunidade.

Segundo relatos coletados em entrevistas com moradores da localidade, além das iniciativas de migração de indivíduos e famílias isoladas, o ideal de construção coletiva de uma comunidade de vizinhança motivou, ao longo da década de 1990, duas iniciativas de compra coletiva de terra no espaço rural da Violeira. Tais iniciativas foram influenciadas, inclusive, pelo movimento de agricultores familiares do município de Araponga (distante cerca de 51 km de Viçosa) e alguns outros municípios da região. Organizando-se coletivamente e acessando crédito fundiário, esses agricultores deram prosseguimento a um processo de conquista de terra, comprando várias propriedades coletivamente e dividindo essas propriedades entre si. As ações desses novos moradores da Violeira, tanto na gestão de seus espaços individuais e coletivos quanto na relação com suas comunidades do entorno, denota uma preocupação socioambiental pronunciada, que revela a

forma como o ecologismo tem impactado a produção do espaço nessa localidade.

No que se refere ao gerenciamento dos espaços individuais e coletivos, nessas glebas adquiridas em conjunto, que assumem a forma jurídica de condomínio, inexistem divisões internas, sendo delimitados os espaços individuais mediante acordo verbal entre vizinhos, e algumas porções de terra são destinadas à recomposição da mata nativa. Também segue acordada informalmente, e na prática respeitada, a restrição ao uso de agroquímicos e do fogo no manejo agrícola. Outro acordo institui a necessidade de reter toda a água da chuva e de efluentes dentro da gleba coletiva, evidenciando o reconhecimento da necessidade tanto de promover a infiltração da água no solo, para a recarga do lençol freático, quanto de evitar seu escorrimento em demasiada quantidade pelas estradas de terra do bairro, causando lamaçal e abrindo valas. Nas residências, os efluentes líquidos são tratados, alguns em sistemas cíclicos que permitem sua reutilização para irrigação, e iniciativas de coleta da água da chuva e produção de energia solar fotovoltaica estão em curso. Nas palavras de um morador, a gleba onde mora

> que era um pasto degradado, hoje é um lugar de biodiversidade, de pássaros, de outros bichos que moram ali, tem sapo, tem cuíca, tem rato, tem cobra e um dia a gente espera que tenha macaco também, e é um lugar que a gente protege a água, a gente protege a biodiversidade e protege o solo.

Em relação ao cuidado com os resíduos sólidos, a ação desses novos moradores extrapolou suas residências e entrou em interação com a comunidade local. No início dos anos 2000, foi criada uma comissão de moradores para gerenciar a questão do lixo. Todas as casas da comunidade foram visitadas nessa ocasião, um levantamento sobre a destinação do lixo foi procedido, diversas reuniões aconteceram e um mutirão de limpeza foi organizado. Como resultado desse processo, acordou-se que o lixo orgânico seria gerenciado individualmente em cada núcleo residencial, dada sua possibilidade de utilização como adubo, e foi solicitada a coleta do lixo seco pela Prefeitura em todas as estradas da localidade, sendo instalados cestos altos para evitar o acesso de cães. Tal iniciativa reduziu drasticamente o lixo acumulado nas estradas. Mais recentemente, uma articulação de diversos moradores em prol da recuperação do Rio Turvo Sujo, que corta a região, está em curso.

Essa interação com a comunidade se coloca como característica advinda da presença desses sujeitos ecológicos na Violeira. Diversos projetos foram desenvolvidos ao longo das últimas décadas, em conjunto com a comunidade local e do entorno, como as comunidades do Buieié e do Zig-Zag (Fig. 1), socialmente mais vulneráveis. Acessando financiamento público, realizando campanhas de arrecadação de fundos e também por meio da contribuição dos moradores, tais projetos já permitiram a implantação

de uma padaria comunitária, assim como o apoio a grupos de artesanato e de costura. Ações na esfera cultural também têm sido promovidas, todo um movimento artístico tem como referência o espaço territorial da Violeira, promovendo teatro, artes plásticas, música, feiras, capoeira e apoio a artistas itinerantes. A estreita articulação entre questões ambientais e questões sociais fica explícita na fala de uma moradora (60 anos):

> Lá pro outro lado tem o Zig-Zag, então eu não queria que eles ficassem do lado de lá vendo uma casa enorme, até a proposta de teto verde, até isso... Porque de longe você não consegue nem ver a casa, é tudo verde, em volta é tudo árvore. [...] E isso pra gente é muito bom, porque é uma forma de reconectar a gente com a natureza. Além disso, como aconteceu de ser na Violeira, a Violeira tem o CTA, que desde sempre construiu essa proposta e constrói a agroecologia, agricultura alternativa e tem uma vizinhança inteira que é muito próxima ideologicamente, que tem uma proposta de sociedade muito parecida, inclusive uma proposta de agricultura muito parecida que é a partir da agroecologia. Com isso a gente foi avançando nessa proposta e hoje, praticamente, toda a minha verdura e fruta vem dos vizinhos. Uma agricultura... minha vizinha nem tinha uma área de horta, mas ela criou área de horta, o marido dela, que trabalhava fora, passou a trabalhar em casa, que planta verdura e fruta que nós compramos, e eu sou uma delas, nós somos um conjunto de pessoas que compra, então minha verdura e fruta chega na porta da minha casa, eu fico muito feliz com isso... Eles também ficam felizes, porque eles trabalham do jeito que querem, na casa deles, numa alimentação saudável, toda orgânica,

> ela já é certificada pela certificação participativa como orgânica. [...]
>
> Então eu posso dizer que praticamente... Uns 98% da minha alimentação é uma alimentação orgânica ou agroecológica comprada diretamente dos agricultores e é isso que permite a gente: essa rede de vizinhos, essa rede de moradores, porque a partir disso que a gente ajudou a construir... Claro que essa rede tem uma conexão muito grande com o CTA e com a Universidade, então não é uma busca isolada, é um caminho conectado [...]. Então, a partir disso, a gente construiu a Rede Raízes da Mata, construiu o Núcleo de Agroecologia que permite então que a gente tenha um estilo de vida mais natural, mais em contato com a natureza, a partir dessas redes de amizade, redes de trabalho, redes que a gente acredita que foram sendo construídas.

Como pode ser notado, esses novos moradores que migraram para a Violeira a partir da década de 1980, herdeiros do movimento contracultural e hoje identificados com o ecologismo, têm transformado seu espaço de moradia e sua comunidade num lugar onde se articulam diversas ações tanto na esfera ambiental quanto social. Em acordo com a assertiva de Lago e Pádua (1984, p. 12), esses sujeitos ecológicos acreditam que "a solução real para a grande crise que vivemos não poderá surgir de cima para baixo, mas terá de nascer da iniciativa, da criatividade e da solidariedade dos homens comuns." Nesse sentido, o movimento desencadeado no espaço sócio territorial da Violeira, assim como o movimento ecologista em geral, tem colocado em destaque uma força relegada pela

política tradicional: nossas vidas. Segundo os autores, o Ecologismo é uma atitude de vida, uma busca construtiva de transformar para melhor a vida dos homens e seu relacionamento com a natureza. Trata-se, assim, de um projeto político e filosófico relativamente novo.

> Esse projeto não está sendo escrito por ninguém em especial, mas está nascendo da reflexão e da prática de inumeráveis grupos e pessoas em todo o mundo que percebem que estamos diante de uma crise única na civilização, que exige a invenção de um novo caminho. Esse projeto vai assumindo também uma realidade concreta, à medida que experiências vão sendo realizadas em inúmeros lugares para demonstrar a viabilidade prática dos seus princípios (LAGO; PÁDUA, 1984, p. 38).

Ainda segundo esses autores, são diversos os caminhos que têm levado indivíduos e grupos à perspectiva ecológica. Alguns viveram intensamente o espírito de rebeldia dos anos de 1960 e 1970, o movimento hippie e a contracultura. Outros vieram do movimento ecológico tradicional, do pacifismo, do feminismo, de grupos espirituais, de lutas políticas em movimentos sociais. Podemos encontrar também aqueles que chegaram ao Ecologismo a partir da reflexão acadêmica em seus campos específicos de conhecimento: biólogos, economistas, filósofos, sociólogos, médicos, arquitetos, etc. Na Violeira encontramos essa diversidade de caminhos percorridos, destacando-se, no entanto, o papel fundamental da Universidade Federal de Viçosa na confluência desses atores e na promoção de seu encontro. Reproduzindo no município de Viçosa um

movimento que hoje alcança a esfera mundial, esses indivíduos e grupos, mesmo percorrendo caminhos diversos, "foram percebendo que ocupavam um espaço cultural semelhante no mundo moderno, que seus objetivos se identificavam em claros denominadores comuns, e que da síntese de suas aspirações estava nascendo um novo projeto cultural e social" (LAGO; PÁDUA, 1984, p. 39). A confluência desses indivíduos para o espaço sócio territorial da Violeira tem permitido, assim, um redirecionamento de diversos aspectos de suas vidas, possibilitando certo grau de experimentação do projeto ecologista.

Tal experimentação tem inspirado, inclusive, outras iniciativas no município de Viçosa, uma delas é a Ecovila Palmital. Segundo apontamentos de Castro (2014), a Violeira foi local de moradia anterior da maioria dos moradores da Ecovila. A autora afirma que o bairro Violeira foi citado por todos os seus entrevistados quando questionados sobre a história da formação do grupo. Também o Restaurante Alfa foi apontado como local de encontro de vários dos atuais moradores da Ecovila quando estudantes da UFV. Ainda, além dessa experiência já consolidada, temos notícia de pelos menos outras duas em andamento, envolvendo grupos de indivíduos e famílias em processos coletivos de compra de terra rural e, assim, na conformação de comunidades intencionais. Também nessas últimas, o encontro promovido no interior do espaço sócio territorial da Violeira foi importante para viabilizá-las. Na Violeira tem

se reunindo, assim, pessoas com afinidades e interesses comuns, buscando maneiras mais simples e naturais de se vestir, de se alimentar, de se curar, de morar, uma vida em harmonia com a comunidade e com o ambiente natural.

Esse tipo de migração urbano-rural, motivada por razões predominantemente ecológicas, foi denominada por Francisco (2007) como "ecoimigração". Tal movimento é motivado pela busca de melhor qualidade de vida a partir da maior integração com o meio social e melhor relacionamento com o ambiente natural. Em geral, trata-se de um deslocamento de populações com elevado nível econômico, cultural e acadêmico, para espaços de reconhecido valor ecológico, normalmente em áreas rurais, numa busca de desenvolvimento pessoal e preservação ambiental. Essas populações são formadas, assim, por pessoas que procederam a algum grau de rompimento com os valores da vida urbana contemporânea e, mudando seu estilo de vida, tentam promover caminhos alternativos ao modelo hegemônico compartilhado socialmente. Nesse sentido, tal processo encontra-se alinhado ao movimento ecologista.

No entanto, o espaço sócio territorial da Violeira também apresenta seus tensionamentos. Embora a paisagem ainda seja caracteriza por uma ocupação dispersa, o crescimento populacional da localidade, com a consequente intensificação da construção civil, têm gerado mudanças no

perfil da população residente. Houve redução no número de moradores que se ocupam das atividades agrícolas, surgindo outras atividades de geração de renda, como prestação de serviços (pedreiros, domésticas, etc.), atividades ligadas ao comércio varejista e o funcionalismo público vinculado principalmente à UFV (JESUS, 2007; PINTO, 2008). Embora grande parte dos sujeitos ecológicos que para lá migraram tenham interesse em manter as características rurais do bairro, rejeitando inclusive o calçamento das ruas e o asfalto, essas mudanças têm pressionado a urbanização do local.

Além disso, outro aspecto de grande tensão é a implantação de condomínios fechados. Conforme apontado por Jesus (2007), podemos observar no município de Viçosa um processo de "fuga da cidade", desencadeado pelo desejo de fugir dos problemas urbanos, como poluição, violência, assaltos, intenso trânsito de veículos. As classes econômicas mais abastadas têm encontrado na autossegregação uma forma de obter melhor qualidade de vida. Tais classes buscam "amenidades" em áreas mais distantes, lugares tranquilos oferecidos por promotores imobiliários. Áreas periurbanas do município têm sido ocupadas dessa forma, inclusive no bairro Violeira. No entanto, conforme apontado pela própria autora, aspectos de visão de mundo e das relações sociais estabelecidas pelos grupos de moradores mais afinados à proposta ecologista e os moradores dos condomínios fechados

apresentam sensíveis diferenças. De modo geral, os primeiros fundamentam suas relações com o meio em que vivem pautados por uma maior abertura e liberdade de relação com a população do entorno, buscando uma vida mais simples e maior vivência do ambiente rural. O estabelecimento dos condomínios fechados parece caracterizar, assim, uma certa privatização das "amenidades" advindas do maior contato com a natureza, indo na perspectiva contrária às aspirações ecologistas. A convivência com tais tensões apresenta-se, assim, como mais um desafio para o movimento ecológico.

Considerações finais

Tem crescido dentro da comunidade científica a percepção sobre a crise sistêmica em que se encontra nossa sociedade. A multiplicação das crises econômico-financeiras e o aprofundamento dos problemas sociais e ambientais causados pelo modo de produção capitalista parece indicar que tal sistema se aproxima de seus limites absolutos. Para Mészáros (2011), o capitalismo, por fundamentar-se na acumulação permanente de capital e não apresentar limites para sua expansão, converte-se num mecanismo incontrolável e profundamente destrutivo. Com o aprofundamento da disjunção entre a produção voltada para o atendimento das reais necessidades humanas e aquela dominante controlada pela lógica da

Cadernos de Arquitetura e Urbanismo v.26, n.39, 2º sem. 2019

valorização do capital, intensificam-se as consequências destrutivas, com destaque para a precarização estrutural do trabalho e a destruição da natureza.

Essa insatisfação crescente em relação à maneira como a sociedade se organiza nos conduz à percepção de que precisamos mudar. Essa necessidade de mudança em nosso sistema de produção e consumo permeia, inclusive, o debate sobre o conceito de sustentabilidade. Felizmente, meios alternativos e menos destrutivos para sobreviver no planeta já estão sendo construídos. De formas variadas, a contracultura e o ecologismo têm buscado alternativas para a mudança de paradigma e de formas de organização social. O processo de ocupação sócio territorial da Violeira, vinculado a tais movimentos, nos apresenta, na prática, a possibilidade desse "algo novo". De fato, a forma como nos organizamos em sociedade não é a única possível. Ao longo de milênios, as várias comunidades humanas em distintas partes do mundo desenvolveram uma diversidade de formas de interação e reprodução social. Os sujeitos ecológicos têm se movimentado e alterado voluntariamente seu estilo de vida tendo como horizonte a perspectiva de uma convivência mais harmoniosa entre os homens e entre os homens e a natureza. Embora tal horizonte se coloque hoje como uma utopia, é preciso destacar a importância dessa visão de futuro para a orientação de nossas ações no presente. Conforme apontado por Harvey (2006), ao

longo da história são muitas as manifestações utópicas com formas distintivamente urbanas ou fundamentadas em maneiras distintas de organização e produção do espaço. Além disso, boa parte daquilo que hoje conhecemos como planejamento urbano ou de cidades tem sido inspirado por modalidades utópicas de pensamento.

Diante dos graves problemas que temos enfrentado em nossas cidades, acreditamos que a utopia ecologista é um caminho possível. No caso do gerenciamento dos resíduos sólidos, por exemplo, quem sabe a solução esteja na opção consciente de não consumir e na compostagem doméstica dos materiais orgânicos, alimentando hortas residenciais e comunitárias, unindo pessoas, diminuindo o gasto de energia na produção de insumos químicos poluentes, não renováveis, e também as longas distâncias hoje percorridas pelos alimentos. Em relação ao saneamento, talvez a solução seja o tratamento individualizado das águas negras e cinzas, nas residências e demais unidades onde elas são produzidas, permitindo sua reutilização, diminuindo a sobrecarga nos mananciais, devolvendo vida ao ambiente, ao contrário dos complicados tratamentos em grandes estações, demandando grandes áreas e muitas vezes intenso consumo energético. Quanto à água das chuvas, por que não as reter também de forma individualizada nos lotes urbanos e rurais, incentivando formas diversas de sua utilização e infiltração no solo, amenizando as inundações hoje frequentes em nos-

sas cidades.

As respostas não estão prontas. Nesse momento, elas estão sendo construídas, em diversas partes do mundo, em iniciativas individuais e coletivas. Esperamos que nessa breve discussão sobre a perspectiva ecologista de intervenção no espaço, explicitando ações já em curso e seu potencial de construção de uma nova sociedade, tenhamos alimentado a substância que aciona nossas utopias e incentivado uma caminhada consciente rumo ao futuro.

Referências

CARRANZA, Edite Calote. **Arquitetura alternativa**: 1956-1979. Tese, Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina e Moura. **A invenção ecológica**: narrativas da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CASTRO, Ludmila Marinho. **O Santo Daime como catalisador das relações e do estilo de vida dos moradores de uma ecovila de Viçosa-MG**. Dissertação, Mestrado em Economia Doméstica - Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG. 2014.

DESIGUALDADES crescem no mundo, principalmente nos Estados Unidos. São Paulo, 14 dez. 2017. **Revista Exame**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/ desigualdades-crescem-no-mundo-principalmente-nos-estados-unidos/>. Acesso em 19 mar. 2019.

FERREIRA, João Sette Whitaker; FERRARA, Luciana. A formulação de uma nova matriz urbana no Brasil, baseada na justiça sociambiental. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Sustentabilidade urbana**: impactos do desenvolvimento econômico e suas consequências sobre o processo de urbanização em países emergentes: textos para as discussões da Rio+20. Volume 3 - Habitação social e sustentabilidade. Brasília: MMA, 2015, p. 11-51.

FERREIRA, Rodrigo de Souza. **Capitalismo, ciência e natureza**: do ideário iluminista do progresso à crise ambiental contemporânea. Viçosa-MG: Edição do autor, 2017.

FRANCISCO, Maria Luísa. A ecoimigração: uma dinâmica migratória para o espaço rural. In: CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS, 2, 2007, Angra do Heroísmo, Açores-Portugal. **Anais eletrônicos**. Angra do Heroísmo, Açores-Portugal: Universidade dos Açores, 2007. Disponível em:

<https://sper.pt/oldsite/IICER/pdfs/Tema2/M_Francisco.pdf>. Acesso em 10 fev. 2020.

GOODMAN, David; SORJ, Bernardo; WILKINSON, John. **Da lavoura às biotecnologias**: agricultura e indústria no

sistema internacional. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

GOOGLEMAPS. **Imagem de satélite da cidade de Viçosa e imediações**. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Vi%C3% A7osa+-+MG,+36570-000/@-20.7466811,-42.9492613,23455m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xa36794d1e44bab:0x949b20ad3 d5aaef5!8m2!3d-20.7473931!4d-42.8832763>. Acesso em: 03 mar. 2020.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2006.

JESUS, Gislene Higino de. **O processo de auto-segregação no espaço periurbano**: análise dos fatores socioeconômicos responsáveis pela configuração da paisagem no bairro Violeira do município de Viçosa-MG. Monografia, Bacharelado em Geografia. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2007.

LAGO, Antônio; PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. 2 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Boitempo, 2011.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PETERSEN, Paulo. Agroecologia em construção: terceira edição em um terceiro contexto (Prefácio). In: ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012, p. 7-14.

PINTO, Manuela Pereira de Almeida. **Bairro Violeira**: dialogando diferentes representações do espaço. Monografia, Bacharelado em Geografia. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2008.

RAMOS, Melissa Ferreira; SILVEIRA, Pedro Sérgio da. **Estudantes em movimento**: memórias do movimento estudantil da UFV. Viçosa-MG: UFV, UNEDHS, 2016.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI**: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

SILVA, Luis Fernando de Matheus e. **Ilusão concreta, utopia possível**: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul). 2013. Tese, Doutorado em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo.